A Espiral do Silêncio: uma análise intertextual do enquadramento da edição brasileira da obra de Noelle-Neumann

The Spiral of Silence: an intertextual analysis of the frames on the Brazilian edition of Noelle-Neumann

Resenha da edição brasileira do livro "A Espiral do Silêncio", de Elisabeth Noelle-Neumann

REVISTA compolítica

revista compolítica
2020, vol. 10(1)
compolitica.org/revista
ISSN: 2236-4781
DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.1.375
Open Access Journal

Ana Angélica Soares
Fundação Getúlio Vargas - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)
[Getúlio Vargas Fundation - Center For The Research And Documentation Of Contemporary Brazilian History]

Resumo

Após quase 40 anos fora do mercado editorial brasileiro, o livro A Espiral do Silêncio, de Elisabeth Noelle-Neumann, chega ao país. Embora a obra seja extensamente resenhada e trabalhada nos cursos de Comunicação Social, a edição brasileira permaneceu praticamente incógnita mesmo depois de ser lançada em 2017 pela editora Estudos Nacionais. Este artigo propõe uma análise intertextual do enquadramento da edição por meio de seus elementos paratextuais: agradecimentos, apresentação, prefácio, notas de tradutor e comentários. O conceito de intertextualidade traz as relações implícitas que a edição brasileira de A Espiral do Silêncio guarda com demais textos teóricos e conversa com a noção de interdiscursividade, já que estes textos possuem relações implícitas e explícitas com outros campos discursivos.

Palavras-chave: análise de enquadramento, espiral do silêncio, intertextualidade.

Abstract

After nearly 40 years, Elisabeth Noelle-Neumann's book The Spiral of Silence arrives in the country. Although the work is extensively reviewed, the Brazilian edition remained virtually unknown even after it was launched in 2017. This paper proposes an intertextual framing analysis of the edition through its paratextual elements: acknowledgments, presentation, preface, translator notes and comments. The concept of intertextuality brings the implicit relations that the Brazilian edition of The Spiral of Silence keeps with other theoretical texts and dialogues with the notion of interdiscursivity, since these texts keep implicit and explicit relations with other discursive fields.

Keywords: framing analysis, spiral of silence, intertextuality.

A Espiral do Silêncio: uma análise intertextual do enquadramento da edição brasileira da obra de Noelle-Neumann

Ana Angélica SOARES

Embora *A Espiral do Silêncio* seja um clássico dos estudos de Comunicação Social, foi somente no último ano do meu doutorado que me dei conta de que nunca havia lido um trecho original da teoria – somente citações. Mais ainda, não tinha lembrança de ter me deparado com alguma edição brasileira da obra; tampouco na Alemanha sua leitura me fora indicada. Finalmente, ciente do meu lapso acadêmico e antevendo a vergonha de redigir uma tese sem qualquer menção à teoria, fui à internet e encomendei o livro. Notei que não havia exemplares usados e que somente uma edição figurava nas lojas *on-line*. Achei curioso. Após encontrar um preço ligeiramente mais barato, efetuei a compra.

Foi quando recebi o livro que percebi a dimensão do fenômeno que a prosaica encomenda iria me descortinar. De fato, o volume que tinha em mãos era a primeira edição brasileira de *A Espiral do Silêncio: opinião pública, nosso tecido social*[1], da jornalista, historiadora e filósofa alemã Elisabeth Noelle-Neumann. Publicada originalmente em alemão no ano de 1980, a obra teve sua primeira edição em inglês[2] no ano de 1984 e já foi traduzida em 11 idiomas. No Brasil, foi lançada incríveis 37 anos depois – em agosto de 2017, por uma editora chamada Estudos Nacionais[3].

Comecei lendo tudo aquilo que geralmente pulamos em um livro: agradecimentos, apresentação, prefácio. As notas de agradecimento já chamaram minha atenção: a edição

[1] No original, Die Schweigespirale: Öffentliche Meinung – unsere soziale Haut.
[2] Nas referências da edição brasileira, a data do lançamento em alemão consta como 1982. Já no site da autora (falecida em 2010), a data da primeira edição é 1980. Também vale notar que na ficha catalográfica da edição da Estudos Nacionais a obra aparece sem subtítulo. Disponível em http://noelle-neumann.de/scientific-work/spiral-of-silence/. Acesso em 24 de junho de 2019.
[3] A tradução brasileira, ao contrário da espanhola, não acompanha literalmente o original em alemão e a versão em inglês, já que *haut* e *skin* significam "pele". Em inglês, o equivalente a "tecido social" seria mesmo "social fabric". Embora a adaptação de "pele" para "tecido" não seja necessariamente uma escolha equivocada do tradutor, a utilização de "tecido" traz um deslocamento semântico bastante agudo no sentido de uma opinião pública que estrutura a sociedade, e não uma veste, ou superfície. A seguir, na resenha, fica mais claro como tal escolha de tradução revela um enquadramento bastante específico da edição.

fora possível graças a um financiamento coletivo para o qual colaboraram 119 pessoas, 27 das quais receberam menção especial. Oras, isso revela um interesse razoável e organizado na difusão de uma obra acadêmica, e logo sobre opinião pública. Duas páginas a seguir, acende definitivamente o alerta. "Cumprindo um dos objetivos da editora *Estudos Nacionais*, [sic] de suprir a falta de subsídios para o estudo da sociedade, especialmente a brasileira, apresentamos a primeira edição de *A espiral do silêncio* no Brasil" (Derosa, 2017. p. 9). Estava eu diante de uma edição conservadora da obra de Noelle-Neumann? O lançamento brasileiro tardio de *A Espiral do Silêncio* revela, paradoxalmente, a sua atualidade: sim.

A editora e o site Estudos Nacionais

A busca na internet mostra que a Editora Estudos Nacionais faz parte de plataforma homônima conservadora que reúne, além da casa editorial, uma livraria e veículo informativo com notícias e artigos opinativos em três grandes editorias: Mundo, Política e Biopolítica[4]. Mesmo sem análises mais profundas do discurso no nível textual, tal fato já demonstra uma tentativa mais sistematizada – e acadêmica – de se formar um público apto a participar dos embates simbólicos (as chamadas "guerras culturais") de forma coesa e embasada, muitas vezes a partir de interpretações próprias de leituras tradicionalmente associadas às arenas da social democracia, da democracia liberal e do progressismo, ou até mesmo da esquerda em geral – como é o caso das obras de Michel Foucault.

Se as referências a *biopoder* e *biopolítica* são óbvias, não deixam de ser surpreendentes. Também não deixa de surpreender, por exemplo, que a livraria disponibilize, além de treze volumes de traduções brasileiras de obras de Foucault, cinco de Gramsci e *Política e História,* de Althusser. Clássicos de teoria política também estão representados, como

[4] De acordo com o site, a editoria de Biopolítica trata de "(...) bioética, globalismo, saúde pública, pesquisa científica, direitos humanos, democracia, entre outros (...)". O termo remete às práticas disciplinares descritas por Foucault em *A Microfísica do Poder*, em uma apropriação do conceito de *governamentalidade* que parece relacionar, no entanto, os biopoderes e tecnologias de comportamento a uma espécie de governo mundial que almejaria a "docilização" da humanidade inclusive por meio de práticas discursivas – incluindo os discursos jornalístico e científico.

Tocqueville, Maquiavel, Montesquieu, Hobbes, Locke e Rousseau. Marx, Weber e, principalmente, Durkheim também são encontrados, e não estão esquecidos pensadores brasileiros como Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, José Guilherme Merquior e Gilberto Freyre[5]. Trata-se de oferta considerável – em especial, quando se parte do pressuposto da "carência" de "subsídios", no mercado brasileiro, para a interpretação das sociedades e do Brasil (Derosa, 2017). É uma contradição significativa do projeto como um todo – não obstante a curadoria busque difundir uma hermenêutica alternativa de muitas dessas obras.

O catálogo da editora é bem mais modesto e autoral. Conta com nove volumes desde que foi criada, em 2016 – sendo Noelle-Neumann a única obra de relevo. Quatro são edições da revista Estudos Nacionais, e dois dos demais são de autoria de Cristian Derosa – que traduziu, apresentou e realizou as notas de *A Espiral do Silêncio*. No site, Derosa é apresentado como jornalista, mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e aluno do curso *on-line* de Filosofia de Olavo de Carvalho há dez anos.

Sobre a organização da edição brasileira de A Espiral do Silêncio

A edição do livro de Noelle-Neumann não foi a primeira incursão de Derosa nos estudos de mídia. Em 2013, ele defendeu a dissertação *O Discurso das Mudanças Climáticas no Diário Catarinense*[6]*,* em que analisa, por meio da teoria do agendamento, a maneira como o jornal teria aderido à noção de que as mudanças climáticas são causadas pela ação do homem, escolhendo ignorar o que seria o contraditório na comunidade científica. O gancho é a divulgação do relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2007, ano em que o estudo se concentra. Para Derosa, a agenda midiática teria instituído a ideia do aquecimento global como senso comum na opinião pública atendendo a uma agenda ideológica em que o poder científico atuaria como legitimador político ao encargo de uma "organização supranacional" – a ONU.

[5] Tampouco ficam de fora os representantes mais ilustres das duas gerações da Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica: Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse e Habermas.
[6] Disponível em https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123134. Acesso em 30 de junho de 2019.

Além da dissertação, Derosa escreveu os livros *A transformação social: como a mídia de massa se tornou uma máquina de propaganda* e *Fake News: quando os jornais fingem fazer jornalismo*, publicados, respectivamente, em 2016 e 2019.

Os conceitos de intertextualidade e paratextualidade

O que tudo isso tem a ver com a edição brasileira de Noelle-Neumann de *A Espiral do Silêncio*? Bem, na defesa teórica de minha humilde exegese[7], trago o conceito linguístico de *intertextualidade*.

> Esse termo designa ao mesmo tempo uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto de *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante de *interdiscursividade* (Charaudeau, Maingueneau, 2012, p. 288).

Introduzida por Kristeva em 1969, a ideia de *intertextualidade* foi pensada inicialmente para os estudos literários, referindo-se a uma percepção de que a escrita literária redistribui e dissemina textos anteriores em um texto – e que, por isso, os textos literários sempre devem ser pensados como intertextos. Barthes amplia o conceito, postulando que todo texto é um intertexto, e que outros textos estão nele presentes de forma mais ou menos reconhecíveis, em níveis variáveis (idem, 2012). Logo, considero aqui a *intertextualidade* de Barthes na minha tentativa de elucidar as relações implícitas que o texto da edição brasileira de *A Espiral do Silêncio* guarda com demais textos teóricos. É possível, ainda, adotar a noção de *interdiscursividade*, na medida em que estes textos (ou discursos) guardam relações implícitas e explícitas com outros campos discursivos, como o científico, político, opinativo e jornalístico.

Na análise do discurso da edição em questão, valho-me também do conceito de *transtextualidade* de Genette, que inclui a *intertextualidade* em uma de suas cinco categorias; a *intertextualidade* supõe a presença de um texto em um outro, seja por citação, alusão, etc. Em seguida, ele trabalha com a *paratextualidade*, que se refere ao

[7] No sentido de comentário, crítica, explicação, interpretação de um texto.

entorno do texto propriamente dito – e aqui entram o título, apresentação, prefácio, notas, encarte e demais componentes que o autor considera a periferia do texto (*ibidem*, 2012). Estes são os elementos de um livro, as pistas mais concretas sobre decisões editoriais que as situam em esquema interpretativo específico e, aqui, tomo emprestada a noção de *enquadramento.*

Neste artigo (ou resenha crítica), portanto, debruço-me sobre *elementos paratextuais* da edição brasileira de *A Espiral do Silêncio*, de Elisabeth Noelle-Neumann (nomeadamente, agradecimentos, apresentação, prefácio, notas de tradutor e comentários), com o objetivo de tentar compreender o esquema interpretativo (*enquadramento*) dado à obra por meio de seus *intertextos* – ou relações implícitas com outros textos, teorias e campos discursivos.

Sobre a apresentação

Após citar a suposta carência de subsídios para o estudo da sociedade brasileira, Derosa tece um comentário na forma de aposto. "A pesquisa de Elisabeth Noelle-Neumann jamais deixou de ser atual, e ainda hoje, *em tempos de politicamente correto*[8], acaba descrevendo com precisão a nossa conturbada política" (Derosa, 2017, p.10). Bem, uma teoria que nascera no bojo da conjuntura política da Alemanha Ocidental da década de 1960 não pode ser capaz de descrever uma realidade outra, ou mesmo a realidade em que surgiu. O método da teoria científica não é descritivo; logo, podemos dizer, nas Ciências Sociais e Humanas, que uma teoria se aplica a determinado fenômeno ou não. E ainda que considerássemos a teoria como método descritivo, ela teria descrito um objeto que não o Brasil dos primeiros decênios do século XXI.

Mas vamos partir do pressuposto de que *A Espiral do Silêncio* caia, como uma luva, no contexto político brasileiro hodierno: o que seria, então, o tal *politicamente correto* e como ele estaria relacionado à espiral? Embora tivesse minhas suspeitas, cheguei ao *blog Agenda Global*, do próprio Derosa, no qual encontrei o artigo *Como identificar o politicamente correto*, postado em março de 2016. Nele, Derosa recorre à noção de

[8] Grifo meu.

chavão (no sentido de *estereótipo*) enquanto uma "caricatura da moralidade" dualista, que dividiria o mundo entre os "certos" e os "errados" – entre os últimos tipos, o "empresário ambicioso que odeia o meio ambiente, o carrasco que sente prazer em maltratar animaizinhos, o intolerante que odeia tudo o que é diferente dele, o 'racista homofóbico' (...)" (Derosa, 2016)[9]".

No início do texto, é possível ainda perceber uma pontinha de *espiral do silêncio*[10]. "(...) naturalmente perceberemos que a maioria das nossas opiniões SÃO [sic] as do entorno social e não nossas, como pensamos" (*idem*). No entanto, o que fica mais visível é uma noção de ideologia *à la* Althusser (1987) – que expande Marx ao incorporar o estruturalismo e conceitos de Lacan como o de *interpelação:* para ele, *ideologia* são temas, conceitos e representações através das quais se vive as condições da existência. A experiência do real, segundo o autor, é efeito das categorias, e portanto o sujeito não fala – é "falado" pelas estruturas inconscientes.

A partir da fala de Derosa na apresentação, então, é possível depreender que o *politicamente correto* constituiria uma ideologia, e que, portanto, as opiniões das pessoas seriam reproduções da mesma. E aqui os diagnósticos sociais e políticos se tornam confusos: na *espiral do silêncio*, as pessoas cujas opiniões são contra-majoritárias tenderiam a permanecer caladas por temerem o isolamento social, e esta decisão pessoal é tomada após realizarem uma avaliação intuitiva do *clima de opinião* do contexto em que estão inseridas. Já na *ideologia* althusseriana, os sujeitos são transpassados por discursos ideológicos dominantes (ou hegemônicos, se quisermos trazer Gramsci), os reproduzindo de forma inconsciente porque aparelhos ideológicos de Estado – tais como a mídia, ou sindicatos – estruturam, no todo social, as formas de pensar e avaliar o mundo.

A "conturbada política" brasileira de Derosa estaria mais para a *ideologia* de Althusser do que para a *espiral do silêncio* de Noelle-Neumann. Isso porque no lado da capital Bonn, se calariam aqueles que avaliavam estar em desvantagem numérica por temerem o isolamento social, e somente na Alemanha Oriental os aparelhos de Estado silenciavam deliberadamente desviantes do regime por meio da perseguição, prisão e até da morte. Ou

[9] Disponível em https://cristianderosa.wordpress.com/2016/03/08/como-identificar-o-politicamente-correto/. Acesso em 1 de julho de 2019.

seja: na avaliação de Derosa, o Brasil seria uma espécie de Alemanha Oriental movida por uma ideologia opressora (a do *politicamente correto*) que calaria aqueles que não se sentem parte da maioria – os "politicamente corretos". É uma junção de duas coisas mutuamente excludentes, pois onde funciona a *espiral do silêncio* não funciona uma ditadura, na qual de fato atuam aparelhos ideológicos e repressivos[11].

É curioso porque encontramos, de forma implícita, o conceito de um autor marxista sem a devida citação e cuja formulação não conversa com a ideia de *espiral do silêncio*. E se Derosa afirmasse que os partidários da direita radical permaneceram calados no Brasil pós-redemocratização por avaliarem que eram contra-majoritários, e que, em seus cálculos, o custo de exprimirem suas opiniões não pagaria o preço de um possível isolamento social e político, aí sim, o autor teria sido intelectualmente honesto, ou, no mínimo, verossímil em sua hipótese.

O intuito de trazer uma obra clássica até então ausente para o leitor brasileiro é louvável e indica um conhecimento satisfatório da bibliografia em Comunicação, além de percepção de lacunas e, por conseguinte, senso de oportunidade. A utilização de comentários e de notas-de-tradutor como meio de tornar a obra mais acessível para um público menos familiarizado com leituras acadêmicas – como Derosa explica – também é meritório, e embora o uso de tais notas seja sujeito a "modas editoriais", é uma boa alternativa quando se julga que, sem elas, a apreensão do sentido do texto pelo leitor tende a ficar incompleta. No entanto, as motivações políticas da edição (e, novamente, a análise de conjuntura) são para lá de questionáveis.

Ao final de sua apresentação do livro, Derosa diz que a ausência de Noelle-Neumann do mercado editorial brasileiro seria reflexo do nível de percepção da população a respeito dos fatores políticos e midiáticos que influenciam o que ele chama de "nossa classe pensante", e que isso determinaria a identidade, independência política e consciência dos cidadãos (Derosa, 2017). Tais fatores, ainda segundo ele, são requisitos para o exercício democrático por afetarem o discernimento político, e que ele espera que a obra contribua

[11] Quanto à ditadura do *politicamente correto*, não é possível comentar com base no debate racional.

para o desenvolvimento do pensamento nacional no que se refere à consciência crítica e independência individual.

Podemos, de início, apontar uma falta de modéstia, ou expectativas irrealistas, bem como interpretações potencialmente perigosas não somente da teoria da *espiral do silêncio,* bem como da função das teorias sociais. Não obstante a importância da obra, pensar que *qualquer* livro teórico vá contribuir para o desenvolvimento do pensamento nacional é megalomaníaco e temerário. Note-se: contribuir para desenvolver o pensamento nacional – ao invés de propor mais uma ferramenta para se pensar os desafios do país – constitui enquadramento totalitário, portanto incompatível com o espírito democrático do qual a edição brasileira de Noelle-Neumann diz estar imbuída.

É também um *modus operandi* totalitário omitir deliberadamente a existência de toda produção intelectual que não se preste aos objetivos da narrativa nacional pretendida. Ainda que não se concorde com nada produzido até então, ou que se ache tudo de má qualidade, é deveras presunçoso cogitar que a iniciativa editorial de tradução de uma obra seja inaugural de tamanha empreitada.

No mais, deve-se salientar que, pelo menos em seu texto, Noelle-Neumann não parece querer fomentar algum tipo de "pensamento nacional", e sim analisar fenômeno da comunicação política que encontrou paralelos em contextos distintos daquele da Alemanha Ocidental – o que fortaleceria sua validação científica. A prolongada ausência da obra no mercado brasileiro muito menos diz sobre um alegado estado analítico deficiente da nossa população sobre as forças que a "regem", mais pode dizer sobre uma decisão editorial e acadêmica – esta sim, passível de constituir objeto de estudo.

Sobre o prefácio

O prefácio é de autoria de Alexandre Costa, que escreveu o livro *O Brasil e a Nova Ordem Mundial* [12]– que não é a mesma que Caetano cantou e que teria sucedido a ordem bipolar

[12] Disponível em https://books.google.com.br/books?id=zfTiugEACAAJ&dq=alexandre+costa&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjXoIW8u67pAhVNHrkGHX_-DMEQ6AEIKDAA Acesso em 12 de maio de 2020.

com o fim da União Soviética. Na verdade, Alexandre Costa também escreveu sobre a tal nova ordem mundial no livro *Introdução à Nova Ordem Mundial*, que parece estender o conceito de *globalismo* do qual Olavo de Carvalho trata, pelo menos, desde 2009 em seu *blog*. A formulação é fluida, tingida de tons conspiratórios e pode ser resumida nas várias estratégias de implantação de um governo mundial ou projeto civilizacional planetário. A resenha do tomo, encontrada no *Google Books*, traz o que seria uma chancela do professor: "O livro (...) é fortemente recomendado pelo filósofo e jornalista Olavo de Carvalho como indispensável para quem quer entender as bases e os elementos fundamentais do jogo político global das últimas décadas". Afirma, ainda, que é introdutório e que busca traçar um panorama de "quem são os agentes, as ações, os planos, as organizações e as estratégias já em curso dentro deste complexo e obscuro cenário sócio-político [*sic*] no qual vivemos hoje em dia".[13]

Além do Brasil, Costa insere a *espiral do silêncio* na trama globalista. Reconhecendo que a democracia requer vigilância constante no cumprimento de seus pressupostos, o autor chama a atenção para a amplificação do fenômeno da opinião nas redes sociais *on-line*, que ele considera "manifestações pessoais sem exigência de contrapartida" (Costa, 2017, p. 12). O diagnóstico comunicacional é em parte acertado; de fato, é "imprescindível refletir sobre a essência e os acidentes relacionados à formação, influência, cristalização e repercussão da opinião" (*idem*). Contudo, a motivação política, mais uma vez, é tão obscura quanto o suposto globalismo nefasto que se tenta decifrar e combater.

Costa parte de uma constatação que não é nova nos estudos que estão no campo da Comunicação: as estratégias massivas (tecnológicas, discursivas e políticas) de persuasão. A tentativa de controle da opinião é comum em qualquer projeto político que se pretenda hegemônico e/ou autoritário. O problema é a afirmação da existência de um difuso e insidioso projeto político global, ao qual se atribui a intenção maléfica dependendo do "judas político" da vez. E não, a *espiral do silêncio* não se trata de uma teoria sobre manipulação. Ela é uma teoria que tenta entender a razão pela qual muitos preferem não expressar suas opiniões políticas em um contexto democrático,

[13]Disponível em https://books.google.com.br/books/about/Introdu%C3%A7ao_A_Nova_Ordem_Mundial.html?id=7ocsvgAACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y Acesso em 12 de agosto de 2019.

identificando possíveis variáveis explicativas e partindo do ponto em que o fenômeno se torna não apenas observável, bem como mensurável. Tampouco Olavo de Carvalho foi o grande responsável por aprofundar as questões levantadas por Noelle-Neumann no Brasil. Mesmo com a ausência do livro nas estantes brasileiras, o conceito é bastante difundido há muito tempo. Pelo menos, nas faculdades de Comunicação Social e Jornalismo, Noelle-Neumann sempre foi uma autora presente, ainda que em citações[14].

A apropriação do conceito de *espiral do silêncio* reinterpreta a história a partir de alegadas evidências que endossam a tese que se pretende confirmar. Não obstante o conhecimento de bibliografia relativa ao assunto (Costa cita a Escola de Frankfurt e Gramsci), mais uma vez a interpretação da teoria em específico – e do que seria a função da teoria, no geral – é fantasiosa e daninha. Não se deve moldar a teoria à realidade ou a realidade à teoria. O que se vê é uma tentativa de atribuir sentidos às formulações de Noelle-Neumann em que acontecimentos históricos e outras teorias são misturados, mal-interpretados e deslocados de sua temporalidade.

Também é irônico notar que a tão alardeada engenharia global da opinião acaba por beneficiar justamente aqueles que engrossam o coro dos politicamente incorretos "silenciados". Artigo no jornal *The New York Times* explica como o funcionamento dos algoritmos do *YouTube* levou a extrema-direita ao poder no Brasil[15]. A ideia do mecanismo é simples, porém muito eficaz: um novo sistema de inteligência implantado pela plataforma em 2018 potencializou o aprendizado do algoritmo, emparelhando vídeos com recomendações para outras pessoas. O sistema sugere ao que assistir a seguir, muitas vezes reproduzindo os vídeos automaticamente para manter o usuário ligado na plataforma. Assim, não apenas o engajamento e a audiência do *YouTube* aumentaram exponencialmente, bem como os usuários foram atraídos para tópicos que gerassem

[14] Realizando uma busca no *Google Scholar* com os parâmetros "espiral do silêncio" + citações em português + 1980-1995, foram três os retornos: o artigo *A democracia e a modernização 30 anos depois*, publicado pela revista Lua Nova em 1992; um artigo da própria Noelle-Neumann traduzido e publicado na mesma revista em 1993, e o artigo *América Latina: política externa e opinião pública*, datado pelo Sistema de Bibliotecas da Unicamp no ano de 1995. Isso indica que a teoria já vinha sendo discutida e sistematizada em produção científica no país pelo menos dez anos depois do lançamento da obra em alemão.

[15] Disponível em https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html. Acesso em 13 de agosto de 2019.

novos interesses, amplificando conteúdos que o sistema entendeu como preferidos e correlatos.

Esta é uma das formas pelas quais Jair Bolsonaro, marginal na política, porém estrela no *Youtube*, teria caído, como se diz, "na boca do povo". O jornal ainda ressalta que apenas uma emissora de TV bate a plataforma em audiência, ou seja: o velho papo "hipodérmico" de manipulação massiva pela mídia tradicional (ao qual tanto a direita quanto a esquerda recorrem quando se sentem desprivilegiadas) cola cada vez menos[16]. Isto posto, são possíveis duas conclusões: desconhecimento por parte do autor ou deliberada má-fé, que corresponde ainda às mais diversas tentativas de deslegitimação da imprensa por parte de governos feridos em seus brios.

Sobre comentários e notas de tradutor

Apesar das expectativas quanto aos comentários e às notas de tradutor, as notas "dignas de nota" são apenas duas, nas quais é possível encontrar imprecisões teóricas que parecem ligadas à confusa e paranoica visão dos processos sociais e políticos descrita até aqui. Os demais comentários e as demais notas são mais condizentes com o cuidado que o organizador disse ter ao elaborar a edição brasileira da obra de Noelle-Neumann, ou são tão abertos que fica até difícil tecer algum tipo de análise sobre eles – mesmo que tragam concepções questionáveis.

A primeira imprecisão encontrada está no comentário 11 (Derosa, 2017, p. 64), que cita a menção, por Noelle-Neumann, da existência de um "núcleo duro" de ativistas de um partido. Segundo a autora, a existência desse núcleo militante seria capaz de distorcer a medição de perturbações de clima de opinião – já que ele seria pouco permeável a esse

[16] O jornal direciona o leitor para a pesquisa *VideoViewers* do *Google*, que na sua quinta edição brasileira (2018) identificou que o tempo que o brasileiro dedica assistindo a vídeos aumenta desde 2014 – quando a pesquisa começou a ser feita. Os números mostram que o consumo de vídeos *on-line* cresce num ritmo bem maior que o da TV: 135%, enquanto no mesmo período a audiência televisiva aumentou 13%. A pesquisa credita a mudança nos hábitos de consumo de mídia dos brasileiros ao *YouTube:* mostra que ele é o campeão da preferência das pessoas para assistir a vídeos, além de ser o 2º maior destino para o consumo do formato no país, ficando apenas 3 p.p. atrás da *TV Globo*. Ainda segundo o levantamento, o *YouTube* já é maior que os demais canais de TV aberta somados em número de vídeos assistidos. Disponível em https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/. Acesso em 13 de agosto de 2019.

clima. A autora descreve, no subcapítulo, uma pesquisa em que tenta aferir em que medida pessoas estão dispostas a atuar publicamente em favor de determinado partido político.

No comentário, Derosa afirma que o conceito de "núcleo duro" poderia ser "facilmente associado" ao de *líderes de opinião* de Paul Lazarsfeld (1948). Não, não pode. O conceito de Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet (*idem*) não se aplica à militância de um partido, e sim a pessoas do público comum que consomem mais ativamente informação política pela mídia. Desta forma, tais pessoas são consideradas *líderes de opinião*, pois suas formulações funcionam como "atalhos cognitivos" para as outras, que também precisam tomar decisões políticas (como escolher um candidato), mas não se informam tanto pelos veículos de comunicação – daí o *two-step-flow model of communication*. O *líder de opinião*, desta forma, ocupa este espaço devido ao seu *soft-power*, não porque é designado para uma função de convencimento e propaganda, como ocorre com a militância de um partido. Não são fenômenos comparáveis porque não são correlatos; pelo contrário, constituem objetos muito distintos.

Outro comentário que chama a atenção é o de número 14, que tenta fazer um adendo ao parágrafo de Noelle-Neumann sobre como o medo de isolamento dos indivíduos desencadeia a *espiral do silêncio*. A partir desta premissa da autora, Derosa dá um salto lógico e afirma:

> Em alguns países, a divulgação de pesquisas de opinião próxima [*sic*] às eleições é proibida, pois é compreendido que induzem uma parcela considerável da população a optar pelo voto que ela acredita ser majoritário (Derosa, 2017, p. 70)

Todavia, falta embasamento científico para a afirmação. Para justificar-se como tal, o comentário deveria trazer dados, indicar literatura. Quantas e quais democracias adotam esse sistema, chamado também de *blackout period*[17]? Que estudos tratam sobre a influência das sondagens nos votos do eleitor?

[17] A *World Association for Public Opinion Research* (WAPOR) e a *ESOMAR Foundation* realizam desde 1984 a pesquisa conjunta *The Freedom to Publish Opinion Polls*: *Report on a Worldwide Study*. O último relatório, de 2018, aponta que em 60% do total de 133 países foi registrado algum tipo de embargo a polls – e que esta taxa é a maior entre todos os relatórios realizados. O Brasil, de acordo com a pesquisa, está

A questão é abordada a partir de conceitos como *bandwagon effect*[18] ou da *teoria da escolha racional*. São abordagens diferentes em seus pontos-de-partida: enquanto o *bandwagon effect* (tal como a *espiral do silêncio*) considera o meio social na decisão do indivíduo, minimizando seu papel, na *teoria da escolha racional* o indivíduo é autônomo em sua decisão, tomando-a com intuito de maximizar seus benefícios e diminuir seus custos, com base nas informações disponíveis (Downs,1999). Em ambas, no entanto, é possível reconhecer a importância da *informação* circulante, seja no sentido de influenciar o voto ou de servir como subsídio para o ato de votar.

Levando isso em consideração, tentar justificar a coibição do fluxo de informação credível e fiável não é razoável – sobretudo quando sabemos que as mais novas e perigosas formas de manipulação das eleições ocorrem nas redes sociais digitais e no *WhatsApp*[19]*,* seja no Brasil, seja no mundo. A discussão relevante, portanto, deve centrar-se na qualidade e no acesso à informação, não em embargos.

entre os países que recrudesceram ou estenderam seus embargos, ao lado do Chile, El Salvador, Egito e Singapura. O relatório aponta ainda que as restrições são mais problemáticas na América Latina, região que enfrenta não somente problemas em termos de regulação governamental, bem como dificuldades na aplicação dos surveys de opinião devido à violência em determinadas áreas. O entendimento geral expresso no relatório é de que restrições e embargos às pesquisas de opinião são ruins para a informação política do eleitorado. A presidente da WAPOR cita o temor do *bandwagon effect* e das *fake-polls* para justificá-los, mas ressalta que um dos pressupostos da democracia é a garantia do acesso à informação aos eleitores (Durand, 2018). Disponível em https://wapor.org/wp-content/uploads/ESOMA-WAPOR_Freedom-to-Conduct-Opinion-Polls-Final-incl-edits.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2019.

[18] Bandwagon effect, ou efeito de adesão, é um efeito cognitivo. No contexto eleitoral, se manifesta por meio da preferência pelo candidato na frente nas pesquisas de intenção de voto – e que, portanto, teria mais chances de ganhar. No nível individual, o voto em um candidato sem chances de vencer seria considerado um voto "desperdiçado".

[19] A equipe do *Berkman Klein Center de Harvard* – composta por pesquisadores brasileiros da Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que realizou o estudo sobre o papel do *Youtube* nas eleições brasileiras de 2018 a pedido do NYT – também conduziu investigação com dados em inglês que encontrou efeitos de radicalização política dos usuários gerados pelos algoritmos da plataforma. Eles analisaram 330.925 comentários de usuários em vídeos postados em 349 canais e mostram que eles migram consistentemente de conteúdo mais suave para mais extremo (Ribeiro, Ottoni, West, Almeida, Meira Jr., 2019). Outro estudo brasileiro encontrou um predomínio de redes sociais como principais fontes de conteúdo partidarizado (ou desinformação) no mesmo pleito – sendo que o próprio *WhatsApp* está entre essas principais fontes – e indícios de que ele foi usado para o compartilhamento de vídeos no *Youtube* e áudios (Mont`Alverne, Mitozo, 2019).

Conclusão

A edição brasileira de *A espiral do silêncio* tem objetivos ambiciosos: emancipar uma população oprimida pela ideologia do "politicamente correto", construir um pensamento nacional, desmascarar a mídia e uma trama global de submissão de governos e populações nacionais. Analisando a controversa biografia de Noelle-Neumann, talvez a própria não ficasse tão assustada com essa interpretação: Noelle-Neumann escrevia para o semanal nazista *Das Reich*, para o qual escreveu o artigo *Who informs America?*, publicado em junho de 1941. Nele, ela teria defendido que judeus controlariam a mídia americana[20]. Embora o fato passe despercebido pelo editor do seu livro no Brasil, consta no obituário de Noelle-Neumann no *The Independent.*

Também é citado em sua biografia na *Wikipédia* lusófona[21] e extensamente abordado na *Wikipedia* em inglês[22] – assim como na *Wikipedia* em alemão[23], que ainda traz este como sendo um dos motivos pelos quais sua obra não teria sido inteiramente aceita pela academia alemã. O outro elemento seria a falta de comprovação empírica da obra. Tudo isso, no entanto, não teria impedido que Noelle-Neumann fizesse parte dos círculos de Konrad Adenauer (um dos fundadores da União Democrata-Cristã, a CDU, primeiro chanceler da República Federal da Alemanha e considerado um dos grandes nomes da democracia mundial) e de Helmut Kohl, também da CDU e chanceler da reunificação alemã.

A trajetória de Noelle-Neumann não poderia, em hipótese alguma, estar ausente de uma edição que almeja ser tão esclarecida e trazer tantas verdades à tona. Tal omissão, contudo, não pode ser considerada banal e é muito coerente com um *enquadramento* potencialmente *totalitário*[24] – que parte de generalizações, entre outros artifícios lógico-

[20] Disponível em https://www.independent.co.uk/news/obituaries/elisabeth-noelle-neumann-pioneer-of-public-opinion-polling-and-market-research-1940766.html. Acesso em 1 de setembro de 2019
[21] Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Elisabeth_Noelle-NeumannAcesso em 1 de setembro de 2019.
[22] Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Elisabeth_Noelle-Neumann#Allegations_of_anti-Semitism. Acesso em 1 de setembro de 2019.
[23] Disponível em https://de.wikipedia.org/wiki/Elisabeth_Noelle-Neumann. Acesso em 1 de setembro de 2019.
[24] Sobre a manipulação em regimes totalitários, Arendt escreve. "Sua arte consiste em usar e, ao mesmo tempo, transcender o que há de real, de experiência demonstrável na ficção escolhida, generalizando tudo num artifício que passa a estar definitivamente fora de qualquer controle possível por parte do indivíduo.

discursivos, para criar uma ficção que se pretende uma explicação inexorável (ou total) da realidade.

Com isso, encerro esta resenha, recomendando que a teoria da *espiral do silêncio* seja tão contextualizada historicamente nos cursos de Comunicação Social quanto as demais são. E espero que isso aconteça antes de que a edição brasileira de *A Espiral do Silêncio* chegue às bibliografias dos cursos da área.

Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.xt

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, A. In: NOELLE-NEUMANN, E. *A Espiral do Silêncio:* opinião pública, nosso tecido social. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017, p.11-15.

DEROSA, C. M. In: NOELLE-NEUMANN, E. *A Espiral do Silêncio:* opinião pública, nosso tecido social. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

_____. *Como identificar o politicamente correto.* Disponível em https://cristianderosa.wordpress.com/2016/03/08/como-identificar-o-politicamente-correto/. Acesso em 1 de julho de 2019.

_____. *O discurso das mudanças climáticas no Diário Catarinense*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013.

DOWNS, A. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp, 1999.

DURAND, C. In: *Freedom to conduct opinion polls:* a 2017 worldwide updated, p.5. Disponível em https://wapor.org/wp-content/uploads/ESOMA-WAPOR_Freedom-to-Conduct-Opinion-Polls-Final-incl-edits.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2019.

FOUCAULT, M. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

_____. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAZARSFELD, P. F.; BERELSON, B.; GAUDET, H. *The People's Choice: How the Voter Makes Up His Mind in a Presidential Campaign* (Second edition.) Paper xxxiii, 178. New York: Columbia University Press, 1948.

Com tais generalizações, a propaganda totalitária cria um mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado" (Arendt, 2012:496-497).

MONT`ALVERNE, C.; MITOZO, I. Muito além da mamadeira erótica: As notícias compartilhadas nas redes de apoio a presidenciáveis em grupos de WhatsApp, nas eleições brasileiras de 2018. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Internet e Política" do VIII *Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política* (VIII COMPOLÍTICA).

NOELLE-NEUMANN, E. *A Espiral do Silêncio:* opinião pública, nosso tecido social. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

RIBEIRO, M. Horta; OTTONI, R.; WEST, R.; ALMEIDA, V. A. F.; MEIRA, W. Jr. *Auditing Radicalization Pathways on YouTube*. Disponível em https://arxiv.org/abs/1908.08313. Acesso em 6 de maio de 2020.

Links e citações apócrifas

Elisabeth Noelle Neumann: Pioneer of public-opinion polling and market research. Disponível em https://www.independent.co.uk/news/obituaries/elisabeth-noelle-neumann-pioneer-of-public-opinion-polling-and-market-research-1940766.html. Acesso em 1 de setembro de 2019.

How YouTube Radicalized Brazil. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html. Acesso em 13 de agosto de 2019.

Site institucional de Noelle-Neumann. Disponível em http://noelle-neumann.de/scientific-work/spiral-of-silence/. Acesso em 24 de junho de 2019.

Pesquisa Google *VideoViewers*. Disponível em https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/. Acesso em 13 de agosto de 2019.

Plataforma Estudos Nacionais. https://www.estudosnacionais.com/

Introdução à Nova Ordem Mundial. Disponível em https://books.google.com.br/books/about/Introdu%C3%A7ao_A_Nova_Ordem_Mundial.html?id=7ocsvgAACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y. Acesso em 12 de agosto de 2019.

Verbete Elisabeth Noelle-Neumann

Wikipedia em português. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Elisabeth_Noelle-NeumannAcesso em 1 de setembro de 2019.

Wikipedia em inglês. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Elisabeth_Noelle-Neumann#Allegations_of_anti-Semitism. Acesso em 1 de setembro de 2019.

Wikipedia em alemão. Disponível em https://de.wikipedia.org/wiki/Elisabeth_Noelle-Neumann. Acesso em 1 de setembro de 2019.

A Autora

Doutoranda em História, Política e Bens Culturais e Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Formada em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anaangelicasoares@gmail.com.

Data de submissão: 15/10/2019

Data de aprovação: 14/04/2020